

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS- UFAL INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA.**

**JOSÉ WEMERSON DE SOUZA SANTOS**

**A FILOSOFIA DA MENTE DE PAUL M. CHURCHLAND**

**MACEIÓ-AL  
2024**

**JOSÉ WEMERSON DE SOUZA SANTOS**

**A FILOSOFIA DA MENTE DE PAUL M. CHURCHLAND**

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de filosofia na Universidade Federal de Alagoas, a ser utilizado como diretrizes para o trabalho de conclusão de Curso.

Orientador: Professor Dr. Ricardo Rabenschalg

**MACEIÓ-AL**  
**2024**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Betânia Almeida dos Santos – CRB-4 – 1542

S237f Santos, José Wemerson de Souza

A filosofia da mente de Paul M. Churchland / José Wemerson de Souza. – 2024.

68 f.

Orientador: Ricardo Rabenschalg.

Projeto (Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia) –

Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes.  
Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 63-68.

1. Neurociências. 2. Filosofia da mente. 3. Materialismo eliminativo. I. Churchland,  
Paul M. II. Título.

CDU: 130.11

## A FILOSOFIA DA MENTE DE PAUL M.CHURCHLAND

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Ciência Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Obtendo a média final de 7,0 (Sete) tendo sido considerado aprovado por esta Banca Examinadora. E por estar conforme, eu, RICARDO SEARA RABENSCHLAG, Presidente(a) da Banca Examinadora lavrei a presente Ata, que vai por mim assinada e pelos demais membros da banca.

Maceió - AL, 27/11/2024

Documento assinado digitalmente  
 RICARDO SEARA RABENSCHLAG  
Data: 27/11/2024 12:40:08-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Presidente da Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente  
 MARCUS JOSE ALVES DE SOUZA  
Data: 29/11/2024 18:32:25-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Examinador(a) 2

Documento assinado digitalmente  
 JOAO CARLOS NEVES DE SOUZA E NUNES DIAS  
Data: 28/11/2024 18:53:38-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Examinador(a) 3

## RESUMO

Este trabalho investiga a filosofia da mente de Paul M. Churchland, com ênfase aos conceitos do materialismo eliminativo. A pesquisa trata de como a neurociência desafia as concepções clássicas da mente, interrogando os conceitos psicológicos cotidianos, como desejos, emoções e crenças, que são partes de uma psicologia popular que será substituída por explicações mais precisas. Do mesmo modo que conceitos arcaicos da ciência, como o éter que foi abandonado à medida que nosso conhecimento progrediu, churchland acredita que da mesma forma acontecerá com a linguagem comum que utilizamos para falar sobre a mente e os sentimentos. O objetivo é analisar as sugestões filosóficas dessa teoria e debater críticas ao materialismo eliminativo, assegurando uma reflexão profunda sobre as ligações entre ciência e filosofia.

**Palavras-chave:** Materialismo eliminativo, neurociência, Paul M. Churchland, filosofia da mente.

## **ABSTRACT**

This paper investigates Paul M. Churchland's philosophy of mind, with an emphasis on the concept of eliminative materialism. The research deals with how neuroscience challenges classical conceptions of the mind, interrogating everyday psychological concepts such as desires, emotions and beliefs, which are parts of a folk psychology that will be replaced by more precise explanations. In the same way that archaic concepts of science, such as the ether, have been abandoned as our knowledge has progressed, Churchland believes that the same will happen with the common language we use to talk about the mind and feelings. The aim is to analyze the philosophical suggestions of this theory and discuss criticisms of eliminative materialism, ensuring a deep reflection on the links between science and philosophy.

**Key-words:** Eliminative materialism, neuroscience, Paul M. Churchland, philosophy of mind.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>A FILOSOFIA DA MENTE DE PAUL M. CHURCHLAND.</b> .....	9
1.1 O epifenomenalismo da mente.....	11
<b>MATERIALISMO ELIMINATIVO E CRÍTICA A PSICOLOGIA POPULAR.</b> .....	22
2.1 O materialismo reducionista (teoria da identidade). .....	24
2.2 O materialismo eliminacionista .....	29
<b>AS CONTRIBUIÇÕES DE PAUL M. CHURCHLAND AOS DEBATES FILOSÓFICOS CONTEMPORÂNEOS.</b> .....	39
3.1 A evolução da neurociência .....	42
<b>CONCLUSÃO</b> .....	44

## INTRODUÇÃO

O título desta obra procura examinar a contribuição de Paul M.Churchland para a filosofia da mente, com base na sua defesa do materialismo abolicionista e na sua crítica à psicologia popular. O objetivo deste trabalho é examinar como suas teorias se relacionam com os desenvolvimentos da neurociência e desafiam conceitos filosóficos tradicionais, como o dualismo. A escolha deste tema justifica-se pela importância da psicologia hoje e pelo crescente interesse filosófico e neurocientífico pelo estudo dos fenômenos mentais.

A metodologia adotada neste estudo baseia-se em uma revisão da literatura, baseia-se no trabalho de Churchland e identifica debates filosóficos atuais sobre a neurociência. Além disso, concebe-se na perspectiva do autor que a implicação de suas propostas é superar os modelos explicativos oferecidos pela psicologia popular, com o objetivo de focar a situação de um amplo espectro do desenvolvimento da ciência psicológica.

O trabalho está dividido e organizado em três capítulos principais. No primeiro capítulo, discuto o epifenomenalismo da mente, discutindo as relações entre eventos mentais e processos físicos no cérebro. O segundo capítulo investiga a desmaterialização, em oposição ao reducionismo, e centra-se na crítica de Churchland ao pensamento racional. O terceiro capítulo apresenta as contribuições do autor para os discursos filosóficos atuais, enfatizando o desenvolvimento da neurociência fisiológica. como uma ferramenta importante para a compreensão do conceito. Por fim, ao final, alguns argumentos são retomados como pontos de discussão e examinada a importância das ideias e desafios de Churchland no contexto atual. Nesta revisão, buscamos não apenas apresentar as ideias do autor, mas também propor um exame crítico de suas implicações, contribuindo para que ocorra o debate entre filosofia, neurociência e mente e entre conhecimento comportamental.

Os problemas da consciência são de total acesso para as respostas da ciência que consegue dar explicações sobre como os estímulos do sistema nervoso possibilita as emoções e os comportamentos humanos. A ciência do século XX se apropriou do behaviorismo para tentar definir a mente por meio dos comportamentos que os indivíduos apresentavam, no entanto, havia um grande problema em relação

a isso, a falha em tentar analisar a mente através de múltiplas vias neurais no sistema nervoso central.<sup>1</sup>

Mesmo que uma pessoa apresentasse uma dor, o behaviorista entenderia que essas concepções são como propriedades que estão às disposições da explicação do indivíduo, e que haveria vários tipos de dores em que seria preciso que a própria pessoa teria que realmente saber qual a dor exata que ela estaria sentindo no momento. Essa dor seria um aspecto fenomênico da mente, já que, na visão do behaviorista, houve um desencadeamento de sensações numa substância mental, o que é bastante próximo à visão dualista da mente.

Sob o mesmo ponto de vista, o behaviorismo ignorava as sensações internas que o indivíduo teria, por exemplo, sentir uma dor não teria relação alguma com as qualias, não seria estar inclinado a gritar, fazer sons, mas simplesmente uma dor, o que não faria sentido ter uma dor e não verbalizar.

---

<sup>1</sup> “Esse problema recebeu muita atenção por parte dos behavioristas, e foram feitas tentativas sérias para resolvê-lo”. (CHURCHLAND, 2004, p.51)

## CAPÍTULO 1

### A FILOSOFIA DA MENTE DE PAUL M. CHURCHLAND.

No primeiro capítulo desta obra, Churchland (2004) introduz um ponto de vista filosófico conhecido como fisicalismo, buscando explicar a consciência e a mente em vias de processos físicos no cérebro. A visão de Churchland é argumentar a favor de uma concepção materialista, defendendo a ideia de que as experiências da mente podem ser compreendidas através da análise de processos neurais e estados cerebrais. O autor aborda a relação entre a mente e o cérebro colocando em ênfase o quanto é importante à compreensão da neurociência para os estudos das funções mentais. Ele passa a desafiar as concepções dualistas da mente em que a mente e o corpo são separados, tendo como objetivo uma visão unificada, enxergando a mente como um aspecto extensional do funcionamento do cérebro.

A filosofia da mente de Paul M. Churchland frisa a natureza da consciência e o que nos tornam consciente, visto que, a consciência não está separada do cérebro, como alguns sustentam, mas efetivamente funciona em conjunto com ele através de seu sistema, do mesmo modo em que duas substâncias como hidrogênio e oxigênio estão interligadas, a consciência é reproduzida no cérebro por meio dos processos eletroquímicos, denominados impulsos nervosos. Neste primeiro capítulo, o autor aborda o assunto percorrendo primeiramente pelo problema mente-corpo.

De forma análoga, a consciência é um tema bastante problemático no âmbito da filosofia, como a questão de sua localização ou a ideia de que ela estaria distante do cérebro humano. Churchland sustenta sua teoria a partir de um ponto de vista fisicalista da consciência e aborda alguns filósofos que afirmam que a consciência parte de um dualismo substancial, isto é, cada mente é uma coisa não física, um pacote individual, cuja identidade é independente de qualquer corpo físico ao qual ela possa estar ligada.

No dualismo cartesiano, por exemplo, Descartes<sup>2</sup> Como o autor afirma: “Penso, logo existo” (*Cogito, ergo sum*) (DESCARTES, 2001, p. 38-39). destaca sua teoria no ponto de partida em que a realidade é dividida em dois tipos de substância: A matéria que ocupa no espaço tendo largura, altura e comprimento ocupando posição no espaço. O outro lado trata-se de um setor isolado da realidade que ele

---

<sup>2</sup> DESCARTES, R. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

acreditava não poder ser explicado pelos fundamentos da mecânica da matéria, isto é, a razão consciente do ser humano.

Sob esse mesmo ponto de vista, é importante notar que o dualismo na concepção da natureza essencial da inteligência consciente está enraizado em algo não-físico (na visão cartesiana), algo para além do que está definitivamente no âmbito de ciências como a física, a neurofisiologia e a ciência da computação. Porém, o dualismo não é defendido pela comunidade filosófica e científica em geral nos dias de hoje, mas é a teoria que predomina fortemente na maior parte da história do ocidente e que permanece na maioria das religiões do mundo inteiro.

Para Descartes (1596), você não é o seu corpo material, mas sim uma substância que pensa que atua em uma unidade singular da coisa-mente, o que é segundo o filósofo totalmente distinto de seu corpo material. Esse tipo de mente não-física está interagindo em um meio sistemático com o seu corpo. Por exemplo, o estado físico dos cinco sentidos tato, paladar, olfato, audição e visão, são causas da mente e os desejos e decisões são aspectos da consciência que fazem com que seu corpo seja movido por propósitos. Nesse sentido, as conexões causais da consciência com o cérebro fazem a ideia de que o seu corpo é seu e não de outra pessoa.

Outro problema observado na teoria cartesiana decorre do seguinte modo: se a coisa-mente é de natureza diferente da coisa-matéria- diferente no sentido de não ter massa e nem forma, tampouco posição em lugar algum no espaço, então como é possível a minha mente ter um movimento causal sobre o meu corpo?<sup>3</sup> O próprio Descartes sabia disso, pois foi o primeiro a formular a lei da conservação da quantidade de movimentos corporais. A sugestão do filósofo recorria a esse tipo de substância aos “neurotransmissores” que transmitia influência da mente ao corpo em geral.

De qualquer modo, o princípio utilizado por Descartes em tentar explicar essa divisão entre corpo e mente não é plausível hoje quando comparado a sua época. Atualmente, não é totalmente exato apontar a matéria como o que tem extensão no espaço. Sobre matéria, Churchland (2004, p.28) comenta: “Podemos destacar os

---

<sup>3</sup> “Tais dificuldades presentes no dualismo cartesiano dão-nos um motivo para considerar uma forma menos radical de dualismo da substância, e é isso que encontramos numa concepção que chamarei de *dualismo Popular*. Trata-se da teoria de que uma pessoa é literalmente um “fantasma numa máquina”, onde a máquina é o corpo humano, e o fantasma é uma substância espiritual, de constituição interna absolutamente diferente da matéria física”. (CHURCHLAND, 2004, p.28).

elétrons que são partículas de matéria, mas as teorias atuais descrevem o elétron como uma partícula-pontual sem extensão (ele nem mesmo tem uma posição definida no espaço)".

Essa concepção não mostra dificuldades precisamente na teoria de Descartes, pois a mente está bem aí, em contato com o cérebro e há uma interação que podemos chamar de recíproca de energia, que talvez a ciência ainda desconheça. A matéria ordinária como sabemos é tudo aquilo que tem massa e volume e que ocupa espaço. Por exemplo, se explorarmos a ideia de um carro perceberemos que um carro é feito de matéria e a sua manutenção é a gasolina como fonte de energia. Assim, é possível que o dualismo nessa forma alternativa seja compatível com as leis da conservação de energia e da quantidade de movimentos que conhecemos.

### 1.1 O epifenomenalismo da mente.

O epifenomenalismo da mente é a vertente que trata da consciência como um fenômeno. O termo grego desta palavra em sua tradução significa: acima dos fenômenos. Essa posição fenomenológica da mente sustenta que os fenômenos mentais se manifestariam somente quando o cérebro ultrapassa certo grau de complexidade, e o epifenomenalista assegura que os fenômenos mentais são causados por atividades do cérebro, mas a consciência não tem efeito algum sobre ele.

Além disso, para clarear bem essa ideia, podemos imaginar nossos estados mentais como pequenos resplendores de uma luz tremeluzente, que acontece na superfície do cérebro. Essas cintilações são causadas pelas atividades físicas do cérebro, contudo, não há efeitos causais da consciência sobre o cérebro, isto significa que a concepção universal de que as nossas ações são determinadas por nossas decisões e desejos é uma convicção falsa! Nossas ações são completamente definidas por eventos físicos no cérebro (a consciência gera atividades), contribuindo para o cérebro na produção dos nossos desejos e vontades.

Esses tipos de propriedades e estados são nada mais que propriedades de um novo tipo, que vai além da explicação dada pela ciência física. Nessa via, os

exemplos conceituados como consciências surgem como fenômenos de propriedades emergentes no cérebro, semelhantes a feixes de luz que se manifestam e se organizam de um modo adequado. Até esse ponto, qualquer materialista concordaria, mas todo dualista da propriedade afirma que essa visão de propriedades e estados mentais são irreduzíveis, pois são certos fatores organizadores da matéria física.

Na virada do século XX, o modo como se fazia ciência não era tão avançado como nos dias de hoje, principalmente, quando se tratava dos conhecimentos relacionados aos fenômenos da mente, da física, da química e outras áreas, não havia aparelhos tão desenvolvidos para realizar experimentos, pois boas partes das descobertas surgiam por meio das teorias. Um precedente histórico de uma posição desse tipo de conhecimento, são as convicções sobre os fenômenos eletromagnéticos (carga elétrica e atração magnética), não passava de uma crença de fenômenos que são puramente mecânicos (CHURCHLAND, 2004, p. 34).

Em consequência disso, as ondas eletromagnéticas ligadas à mecânica, eram o que possibilitava identificar as ondas de rádio com oscilações viajantes e a descoberta de um éter gelatinoso. Mais tarde, este éter revelou-se como não existente e, segundo o autor Churchland (2004), foi necessário acrescentar em sua linha de pesquisa, a noção de carga elétrica e a lista existente contendo propriedades essenciais como massa, extensão e duração.

Infelizmente, a concepção eletromagnética em torno dos fenômenos tem uma falha clara como visto anteriormente, na descoberta de um éter gelatinoso não existente. Em contrapartida, as propriedades eletromagnéticas que se apresentam em todos os níveis de realidade, desde o nível subatômico, são propriedades mentais que aparecem em grandes sistemas físicos complexos.

Os argumentos em favor do dualismo, segundo Churchland (2004), consistem em examinar as considerações apresentadas em defesa do dualismo. Uma importante convicção dualista se encontra na fé religiosa, já que as grandes religiões são postulados o seu próprio modo, teorias sobre a causa os fins do universo e o lugar do ser humano no centro dele, apontando sobre o conceito de uma imortalidade- isto é, com algum modo de dualismo de substância. Apesar disso, o autor pontua que o argumento mais forte para o dualismo é chamado de argumento da introspecção universal, garantindo a concentração sobre os conteúdos da consciência, que não é simplesmente compreender claramente uma rede neural

pulsando com atividade eletroquímica, mas o fluxo de pensamentos, sensações, desejos e emoções.<sup>4</sup>

O argumento a favor do universalismo baseia-se no princípio de que a mente humana é capaz de autorrealização de uma forma simples e única, permitindo a participação na experiência consciente que vai além do solo físico ou dos processos físicos ao longo da superfície lisa. Esta introspecção é uma aquisição instantânea de conhecimento e não é mediada por ferramentas externas, ao contrário da nossa compreensão de redes neurais ou sistemas biológicos.

Por conteúdo cognitivo entendemos pensamentos, sentimentos, desejos e emoções persistentes e dinâmicos, que são qualitativamente diferentes apenas do exame físico, como a atividade elétrica das sinapses no cérebro, exemplo: Raciocínio: Um indivíduo pode raciocinar sobre um conceito como a natureza do universo ou o significado da vida e encontrar uma cadeia lógica ou intuitiva desses conceitos. Este não é apenas um fenômeno neurobiológico; é uma experiência subjetiva que carrega propósito e significado.

A sensação de sentir a textura de um tecido ou o calor do sol na pele não é apenas uma ativação sensorial, mas também a experiência fenomenológica dessas sensações – algo que as descrições dos materiais não conseguem captar completamente. O desejo por algo, seja um objetivo psicológico ou uma necessidade básica, contém um componente pessoal que inclui valor, expectativa e até frustração, todos intrinsecamente ligados às intenções psicológicas. A emoção de sentir-se triste ou feliz é mais do que ativar áreas específicas do cérebro; é uma experiência interna que, em muitos casos, é incompatível com a simplificação científica.

O ponto central do argumento é que a introspecção não se refere simplesmente à “atividade cerebral” no sentido físico, mas fornece acesso direto ao comportamento subjetivo. Esta capacidade de introspecção é universal, ou seja, todos os seres sencientes possuem esta capacidade de reflexão sobre a sua própria experiência. Esta universalidade significa que a consciência não pode ser completamente reduzida a descrições físico-químicas. O próprio Descartes (1596-

---

<sup>4</sup> “Ao que parece, as propriedades e estados mentais, tais como relevados na introspecção, dificilmente poderiam ser mais diferentes das propriedades de estados físicos, se deliberadamente se esforçassem nesse sentido”. (CHURCHLAND, 2004, p.35).

1650) já mencionava a nossa habilidade de usar a linguagem de forma apropriada, em diferentes ocasiões, a saber, também se mostrava fascinado com a nossa faculdade da razão, a maneira como é manifestada em nossa aptidão de raciocínio matemático. Mais recentemente, com os avanços científicos as reações de nossas sensações (“qualia”) e o assunto da significação de nossos pensamentos e crenças foram abordadas como fenômenos que sempre serão reduzidos ao físico.

Em geral, as tentativas de decidir alternativas pelo fundamento da religião foram bastante problemáticas, que a terra não é o centro do universo, que as estrelas são outros sóis, que a terra tem bilhões de anos, que as doenças são causadas por microrganismos, que a vida é um fenômeno físico-químico. Todos esses pontos de vista sofreram uma forte resistência, pelo fato da religião ser predominante na época e pensar de outra forma.

O desenvolvimento do pensamento científico desafiou frequentemente as estruturas de poder que utilizam a religião como ferramenta para justificar o comportamento social e político. A relação entre ciência, religião e saúde pública na Renascença e nos primeiros períodos modernos ilustra bem este conflito. No caso específico de Galileu Galilei, a defesa do heliocentrismo (ideia de que a Terra gira em torno do Sol) estava em desacordo com a visão geocêntrica, amplamente defendida pela Igreja Católica.

Este debate não foi simplesmente uma questão cosmológica; teve efeitos benéficos, incluindo a saúde pública. Durante este período, as explicações religiosas das doenças e dos fenômenos naturais moldam frequentemente as políticas e práticas de cuidados de saúde. Por exemplo, muitas cidades europeias acreditavam que as pestes e as epidemias eram um castigo divino, organizando frequentemente rituais religiosos em vez de utilizarem medidas baseadas em dados científicos. A visão mecânica de Galileu, que propôs um universo governado por leis físicas, desafiou estes pressupostos e questionou indiretamente as respostas tradicionais aos problemas de saúde pública.

A aceitação de um universo hierárquico governado por leis físicas pode abrir caminho para uma abordagem mais científica à gestão de doenças, como a procura de causas biológicas e de métodos experimentais para utilização em medicina. Contudo, esta mudança foi lenta, pois havia oposição a qualquer ideia que ameaçasse a autoridade religiosa. O credo de Galileu provou não apenas defender

doutrinas religiosas, mas também defender estruturas de poder baseadas nessas doutrinas, a fim de respeitar a sua influência em vários aspectos da sociedade.

A filosofia da ciência no século XX, estudada por Karl Popper e Thomas Kuhn, foi fundamental para os debates sobre as visões da ciência com a finalidade de promover o desenvolvimento da ciência contemporânea. Kuhn absorveu a opinião de Popper quando este afirmou que o cientista soluciona problemas. Porém, para Kuhn, os cientistas na verdade, solucionam enigmas e não os problemas em si. Os acontecimentos mostram que nossas opiniões e argumentos, ainda que aceitos, passam por análise e podem ser contestados, assim como ocorreu com o modelo científico do século XX. Nessa perspectiva, ambos recorriam a uma necessidade de demarcação para o conhecimento de natureza científica, pois, isso significa que os acontecimentos obtidos pelas descobertas ainda se tornaram limitados<sup>5</sup>.

A natureza da mente partindo do ponto de vista do dualismo de substância, quando se recorre à existência de fenômenos parapsicológicos, tais como a telepatia e a telecinese. A telepatia é geralmente definida como a capacidade de transmitir pensamentos, sentimentos ou informações entre mentes sem o uso de fala, gestos ou qualquer meio físico conhecido. Muitas vezes é descrito como uma espécie de “comunicação intelectual direta”. O conceito de telepatia vem de antigas tradições espirituais e filosóficas, onde era considerada uma conexão mística entre humanos ou mesmo entre humanos e entidades divinas. Deriva da ideia de que os fenômenos mentais são reais e estão além de uma explicação puramente física. Esse argumento foi discutido anteriormente em outra contextualização na obra analisada e parte do viés que não é completamente claro que tais fenômenos sejam reais mesmo sendo refratários a uma descrição puramente física. O materialista pode sugerir que, em sua opinião, a telepatia em seu mecanismo procede da seguinte maneira: O pensamento é uma atividade elétrica no interior do cérebro.

Além disso, segundo a teoria eletromagnética, os movimentos das cargas elétricas formam ondas eletromagnéticas que se irradiam na velocidade da luz em todas as direções. Essas ondas levam informações para a atividade que originou o movimento e podem, efetivamente, influenciar a atividade elétrica de outros

---

<sup>5</sup> KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

cérebros- isto é, a concepção de que o pensamento é semelhante à velocidade dessas cargas elétricas.

Na perspectiva de Churchland, não existe um efeito parapsicológico que possa ser produzido repetidamente de modo confiável, nem mesmo em algum laboratório equipado para a realização e controle das experiências. Veremos aqui uma de suas citações a essa perspectiva:

Pesquisadores honestos têm sido repetidamente tapeados por charlatões “paranormais” com habilidades derivadas da atividade dos mágicos e a história desse tema é, em grande parte, uma história de ingenuidade, seleção de provas, controles experimentais precários, e fraude pura simples, até mesmo por parte de um ou outro pesquisador. Se alguém descobrir efetivamente um efeito parapsicológico que possa ser reproduzido, então teremos de reavaliar a situação, mas, da forma como as coisas estão, não há nessa esfera nada que possa dar sustentação a uma teoria dualista da mente. (CHURCHLAND, 2004, p.42).

Segundo Damásio (1996) é notório saber que o cérebro existe e do que ele é feito, e sabemos sobre a sua microestrutura: como os neurônios se conectam e como os diferentes sistemas estão conectados uns aos outros, aos nervos motores, que descem aos músculos, bem como, aos nervos sensoriais dos cinco sentidos. Sabemos sobre a estrutura microquímica: como as células nervosas emitem impulsos eletroquímicos para diversas fibras fazendo com que outras células também emitam impulsos ou deixem de emití-los.

Sabemos desses recursos graças aos estudos da neurologia (o ramo da medicina voltado para as patologias do cérebro), por meio de Kandel (2014), que apresenta as correlações que há no cérebro humano desde suas deficiências cognitivas, bem como, os comportamentos de suas vítimas. Existe um grande número de deficiências isoladas- algumas grandes, outras simples- que são bastante familiares aos neurologistas (incapacidade de ler, falar, subtrair, de mover algum membro do corpo, de armazenar informações na memória de longo prazo, e assim por diante), e seu início com a ocorrência de danos a partes muito específicas do cérebro.

Na visão de Norman (2008), o crescimento e desenvolvimento da microestrutura cerebral é uma das linhas de estudo que a neurociência também tem investigado, e tal desenvolvimento aparenta ser à base das várias espécies de aprendizado pelo organismo. O aprendizado envolve mudanças físicas e químicas

duradoras no cérebro, o que significa que o neurocientista pode nos dizer claramente, sobre a constituição do cérebro e sobre as leis físicas que o governam; ele já pode explicar boa parte de nosso comportamento nos termos das propriedades elétricas e químicas da mente.

De qualquer modo, a tentativa do dualista da substância em traçar uma diferença clara entre as capacidades “mentais” únicas, próprias à mente não material, e as habilidades mediadoras do cérebro propõe um argumento a uma completa anulação do dualismo (da substância).<sup>6</sup> Porque se realmente existisse uma entidade distinta, que mostre o raciocínio, as emoções e a consciência tendo lugar, e se de fato, essa entidade depender unicamente do cérebro para as experiências sensoriais, como entrada de dados, então seria ideal que a emoção, a razão e a consciência fossem relativamente invulneráveis ao controle ou patologias de danos ao cérebro. No entanto, é exatamente o contrário que ocorre.

O argumento contra o dualismo pode ser aprofundado a partir da suposição de que, se um objeto ou entidade mental existisse na realidade à parte do corpo físico, deveria ser passivo das funções biológicas do cérebro. O dualismo, defendido por filósofos como René Descartes, sustenta que a mente e o corpo são entidades separadas: a mente torna-se uma entidade desencarnada que regula processos mentais como pensar, sentir e perceber, enquanto o corpo se torna matéria física governada por leis físicas. No entanto, o principal argumento contra esta visão vem de como os danos cerebrais afetam diretamente os processos cognitivos. Se a mente fosse uma entidade independente, como sugere o dualista, deveria ser capaz de funcionar de forma completamente independente do cérebro e dos seus danos. Por exemplo, num estado de lesão cerebral, capacidades cognitivas como lógica, percepção e cognição. eles não deveriam ser afetados de forma tão flagrante, ou pelo menos não de forma previsível. Porém, o que vemos na prática é exatamente o oposto: quando certas áreas do cérebro são afetadas por lesões ou doenças, as funções cognitivas, como memória, raciocínio, controle emocional e até autopercepção, sofrem grandes alterações ou desaparecem.

Este fenômeno implica que a mente não pode ser separada do funcionamento do cérebro, mas, pelo contrário, depende dele para se expressar. Quando o cérebro

---

<sup>6</sup> “Podemos chamar esse argumento de argumento da dependência neural de todos os fenômenos mentais conhecidos”. (CHURCHLAND, 2004, p.46).

é danificado, não só as capacidades cognitivas e cognitivas ficam prejudicadas, como muitas vezes são irreversíveis. A perda de memória em condições como a doença de Alzheimer, comportamento alterado devido a danos no córtex frontal ou incapacidade de controlar emoções após danos em regiões cerebrais como a amígdala são exemplos específicos de como as funções psicológicas estão intimamente ligadas à saúde e à estrutura cerebral.

Sob esse ponto de vista David (2015) Aponta que algumas substâncias já reconhecidas e utilizadas como o álcool, os narcóticos ou a degeneração de tecidos nervosos danificam e incapacitam a capacidade racional de um indivíduo, quando se dá o abuso dessas substâncias. A psiquiatria conhece centenas de produtos químicos que são capazes de controlam as emoções (o lítio, a clorpromazina, a anfetamina, a cocaína e assim por diante).

Esse fator mostra a fragilidade da consciência aos anestésicos, por exemplo, à cafeína é algo tão simples quanto a uma pancada forte na cabeça e mostra muito a sua dependência com relação à atividade neural. A confusão de consciência, facilmente evidenciada pelos narcóticos, pela cafeína e até mesmo pelo barulho alto da cabeça, é um dos aspectos mais óbvios da complexa conexão entre a mente e o cérebro. Estas características demonstram claramente que a consciência não é uma entidade desencarnada e autônoma, como alguns teóricos dualistas ainda podem sugerir, mas sim um processo emergente que envolve redes neurais complexas e ocorre no cérebro.

Por exemplo, quando a anestesia afeta o cérebro, ocorre uma interrupção direta da atividade nervosa, resultando em perda temporária de visão. Os anestésicos atuam interferindo em certos neurotransmissores e canais iônicos no cérebro que bloqueiam vias neurais importantes para a percepção e a cognição. Essa interferência mostra como a consciência depende de processos biológicos específicos e pode ser ativada pela manipulação de substâncias que afetam diretamente a atividade cerebral.

Da mesma forma, a cafeína, embora não seja um narcótico, afeta substâncias químicas no cérebro, como a adenosina, e pode aumentar a atividade nervosa, levando ao estado de alerta e ao tempo de concentração logo depois. Este é um exemplo da sensibilidade da consciência às mudanças na atividade cerebral, pois o consumo de uma substância simples e acessível como a cafeína pode alterar diretamente os estados de alerta e consciência de um indivíduo. A capacidade da

caféina de alterar o humor e a atenção sugere que a cognição depende do equilíbrio químico e elétrico do cérebro.

Além disso, um golpe grave na cabeça, que pode causar concussão ou outras lesões cerebrais, é um exemplo ainda maior de como o dano cerebral fisiológico direto pode afetar a cognição. O trauma físico pode causar confusão temporária ou permanente, como acontece com demência, amnésia ou outras condições resultantes de lesão cerebral.

Esses exemplos ilustram a relação inseparável entre mente e corpo. A consciência humana, que não é desencarnada e é completamente independente, é um produto da atividade neural e é suscetível a mudanças e perturbações quando a atividade cerebral é alterada. A dependência da consciência da atividade neural é evidente, e a sensibilidade da consciência na presença de estímulos químicos ou físicos sugere que a consciência não é uma entidade isolada, mas sim uma rede complexa de interações nas espécies do tronco cerebral da manifestação emergente. É importante notar que nas palavras de Churchland, o dualismo da propriedade não fica ameaçado sob a perspectiva desse argumento, “uma vez que, como o materialismo, o dualismo da propriedade considera o cérebro como a sede de toda atividade mental” (Churchland, 2004, p. 46).

O aspecto relevante da evolução da espécie humana e todas as suas características são o resultado exclusivamente físico de um processo puramente físico. É o sistema nervoso que tornam possíveis diretrizes discriminativa do comportamento. O sistema nervoso é uma matriz de células, e uma célula é apenas uma matriz de moléculas. Nossa natureza interior distingue-se de criaturas simples apenas em grau, mas não em gênero.<sup>7</sup>

Por conseguinte, o behaviorismo é outra corrente que não é tanto uma teoria sobre os estados mentais (partindo da natureza interior)<sup>8</sup>, trata sobre a análise e

---

<sup>7</sup> “Se essa é a descrição correta de nossas origens, então não parece haver necessidade, nem espaço, para a introdução de substâncias ou propriedades não físicas em nossa explicação teórica de nós mesmos. Somos criaturas da matéria. E deveríamos aprender a conviver com esse fato”. (CHURCHLAND, 2004, p.47).

<sup>8</sup> O behaviorismo filosófico, infelizmente, tinha duas falhas importantes que o tornavam problemático, mesmo para seus defensores. Ele evidentemente ignorava, e até mesmo negava, o aspecto “interior” de nossos estados mentais. Ter uma dor, por exemplo, não parece ser meramente uma questão de estar inclinado a gemer, esquivar-se, tomar aspirina, e assim por diante. As dores também têm uma natureza qualitativa intrínseca (uma natureza que é horrível) que se revela na introspecção, e toda teoria da mente que ignorar ou negar tais qualia está simplesmente sendo negligente. (CHURCHLAND, 2004, p.50).

compreensão do vocabulário que usamos para falar sobre eles. De modo específico, ele fala sobre emoções, crenças, sensações e desejos o que não é falar sobre eventos espirituais, mas, um modo abreviado de falar sobre os padrões de comportamento, seja potencial ou real.

Em sua forma mais simples e radical, o behaviorismo filosófico afirma que toda sentença relacionada aos estados mentais pode ser parafraseada, sem perda de significado, numa longa sentença o comportamento observável iria resultar, dependendo de a pessoa estar em determinada circunstância observável ou em outra. Segundo o behaviorista, essa análise vale para os estados mentais como “Anne quer férias no Caribe” (1), se lhe perguntasse se é isso realmente que ela quer, ela irá responder que sim, e (2), se recebesse novas propostas de férias para outros dois países como Estados Unidos e para a Rússia, ela irá examinar primeiro o Caribe e (3), se ganhasse um bilhete para voô para a Jamaica na próxima quinta-feira, ela com certeza iria, e assim em diante. Nesse aspecto, a maioria dos estados mentais é constituída por resoluções com múltiplas vias.<sup>9</sup> (CHURCHLAND, 2004, p.51)

Seguindo esse ponto de vista, Churchland (2004) mostra que não há sentido em preocupar-se com a relação entre mente e corpo. Falar sobre a mente de Anne, por exemplo, não é descrever sobre alguma “coisa” que ela “tem”, contudo, é falar sobre os aspectos extraordinários, habilidades e disposições. O problema mente-corpo, conclui o behaviorista, é um pseudoproblema.

Por fim, o behaviorismo apresenta uma concepção compatível com o materialismo do que realmente são os seres humanos, no sentido de que, o objeto material pode ter propriedades disposicionais, e essas propriedades com múltiplas vias, no sentido de que, não existe necessidade de adicionar o dualismo ao nosso vocabulário psicológico. No entanto, embora a visão behaviorista seja

---

<sup>9</sup> A segunda falha veio à tona quando os behavioristas tentaram especificar em detalhe a disposição com múltiplas vias que eles afirmavam constituir qualquer estado mental dado. A lista condicional necessária para uma análise adequada de “Anne queria férias no Caribe”, por exemplo, parece ser não apenas longa, mas, sim, indefinidamente, ou mesmo infinitamente, longa, sem um modo finito de especificar os elementos que devem ser incluídos. Além disso, cada condicional da longa análise é por si só suspeito. Supondo que Anne efetivamente queira férias no Caribe o condicional (1), anterior será verdadeiro somente se ela não buscar fazer segredo sobre suas fantasias em termos de férias. (CHURCHLAND, 2004, p.51).

filosoficamente aceita como verdadeira, suas raízes se encontram em uma concepção de mente imaterial e não em estruturas moleculares.

## CAPÍTULO 2

### **MATERIALISMO ELIMINATIVO E CRÍTICA A PSICOLOGIA POPULAR.**

Paul M.Churchland (2004) apresenta uma crítica profunda à psicologia popular e justifica sua defesa materialismo eliminativo como uma escolha válida. O materialismo eliminativo é uma teoria filosófica que alega que certos conceitos da psicologia popular, como desejos e crenças, são incorretos e necessitam ser excluídos em favor de um entendimento científico mais preciso da mente e do comportamento humano. Para o autor, muitos dos conceitos utilizados da psicologia atual para descrever a mente, não correspondem a processos reais no cérebro.

A defesa de Paul Churchland da abolição do materialismo oferece uma crítica profunda à psicologia popular, que ele vê como uma coleção vaga e não científica de intuições sobre estados mentais. Segundo Churchland (2004), a psicologia popular se baseia em razões como desejos, crenças e emoções, que, embora úteis na vida cotidiana, não fornecem explicações edificantes do comportamento mental no meio científico. Essas teorias são teorias que, ao longo do tempo, se baseiam na experiência humana prática, mas carecem da forte base teórica necessária para uma compreensão mais profunda da psique humana.

A crítica do filósofo baseia-se no pressuposto de que a psicologia popular, ao tratar os estados mentais como entidades auto evidentes, não leva em conta o fato de que a mente humana é um fenômeno biológico complexo, exigindo uma explicação baseada em dados científicos e não apenas em dados científicos. fatores abstratos baseados na experiência popular. Sua crítica parte da perspectiva de que a psicologia popular não apresenta fundamentos concretos e detalhados sobre a mente, mas sim parte de uma abordagem intuitiva e não científica para entender a mente e o comportamento, e essa falha deve ser substituída. Essa visão do autor assume um papel importante e rigoroso sobre a consciência e mostra que a psicologia popular está com uma visão desatualizada e incorreta da mente, propondo que a visão dela é incompatível com as descobertas científicas atuais.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Em sua forma menos sofisticada, o behaviorismo metodológico insiste em que todo novo termo teórico inventado pela ciência da psicologia deve ser definido em termos operacionais, a fim de garantir que a psicologia mantenha contato firme com a realidade empírica. O behaviorismo filosófico, ao contrário, afirma que todos os termos psicológicos do senso comum em nosso vocabulário pré-científico já obtêm seu significado a partir de definições operacionais tácitas. (CHURCHLAND, 2004, p.52).

Segundo Churchland (2004), a mente é o produto da atividade neural no cérebro, e a psicologia popular não pode tratar estes conceitos como invariantes ou mesmo como explicações válidas para o comportamento mental. A abolição do materialismo que o autor defende propõe a substituição das explicações tradicionais dos estados mentais – como desejos, crenças e consciência emocional – por explicações baseadas em descobertas científicas; A ideia básica é que, à medida que a ciência avança, especialmente na neurociência, substituiremos estas teorias simplistas por modelos que realmente descrevam a função cerebral e a produção de estados mentais.

Em vez de continuar a usar conceitos imprecisos e mal fundamentados como “desejo” ou “sentimentos”, a eliminação do materialismo significa que a neurociência pode oferecer explicações mais precisas, abrangentes e, conseqüentemente, mais eficazes para o behaviorismo filosófico que teve seu auge de influência após a segunda guerra mundial foi motivado pela tentativa de romper com o dualismo e buscar solucionar os problemas relacionados à linguagem, a mente e o comportamento. Um ponto central do behaviorismo filosófico é que quando o assunto é tratado sobre emoções não é necessário descrever aspectos espirituais como pensava Descartes no dualismo da substância.

Em princípio, falar sobre emoções é também descrever o comportamento que há por traz dele. De acordo com o behaviorismo, as sentenças sobre estados mentais podem ser parafraseadas em que o comportamento observável poderia resultar a depender da circunstância que o indivíduo estivesse. Veremos aqui uma analogia simples proposta por Churchland neste capítulo: Dizer que um torrão de açúcar é solúvel não é dizer que o torrão de açúcar possui algum tipo de estado espiritual interior. É somente dizer que, se o torrão de açúcar for colocado na água, ele irá se dissolver. Em termos mais rigorosos: “X é solúvel em água” é equivalente, por definição a, se x for colocado em água insaturada, x irá se dissolver, (CHURCHLAND, 2004, p.49).

Esse é um exemplo claro de definição operacional, o termo solúvel é definido com apoio em algumas operações. Para os behavioristas, essas condições também são válidas para explicar os estados mentais de Anne (visto no capítulo anterior). Em contrapartida, se efetivamente os behavioristas conseguissem especificar com detalhe a disposição com múltiplas vias que eles afirmavam constituir qualquer estado mental, não é de fato um problema.

O problema das condicionais surge para os behavioristas, quando tentam definir uma análise longa sobre indivíduo e seus desejos. No caso de “Anne quer férias no caribe”, esse condicional anterior será verdadeiro apenas se ela não optar por fazer segredos sobre suas fantasias em termos de férias. “Mas corrigir dessa forma essa condicional pelo acréscimo de uma qualificação apropriada seria reintroduzir uma série de elementos mentais na definição, e assim não estaríamos mais definindo o mental exclusivamente em termos de circunstâncias e comportamentos publicamente observáveis” (Churchland, 2004, p.51).

O behaviorismo se destacou bastante no final da década de 1950, parecendo ser a única alternativa para substituir o dualismo, só que os filósofos estavam dispostos a combater as falhas presentes, na expectativa de corrigi-las. Contudo, surgiram outras teorias materialistas que ganharam destaque e o behaviorismo foi rapidamente deixado de lado.

### 2.1 O materialismo reducionista (teoria da identidade).

O materialismo reducionista é a teoria mais simples da mente. Essa teoria defende um conceito simples: os estados mentais são estados físicos do cérebro. Voltando um pouco a história da ciência e seus paralelos, o som pode ser tomado como exemplo. O que se sabe atualmente é que o som é uma sucessão de ondas que viajam pelo ar e que sua propriedade de ser agudo é idêntica à propriedade de ter uma frequência alta em oscilação. Aprendemos desde muito tempo que a luz é composta de ondas eletromagnéticas, e uma teoria melhor atual para descrever isso é a teoria que afirma que a cor de um objeto é igual a um conjunto de coeficientes de reflexos que o objeto tem, como se o próprio estivesse tocando uma corda musical, embora as notas sejam tocadas em ondas eletromagnéticas, e não em ondas sonoras.

Na visão de Eugene (2012) no avanço científico é notório sabermos que o calor ou frio de um corpo está relacionado à energia do movimento das moléculas que o compõe: o calor é igual à baixa energia cinética molecular média. O relâmpago é idêntico a uma descarga de elétrons em grande escala, entre a

atmosfera e solo. Ademais, se pensarmos desse modo ser os estados mentais, argumentaria o defensor dessa teoria, são idênticos aos estados do cérebro.<sup>11</sup>

Os argumentos da neurociência física possibilitarão a redução das condições necessárias que a psicologia popular apresenta pelo que postula um defensor da teoria da identidade. Essa razão vem através das origens puramente físicas estão em todos os indivíduos humanos. Toda essa organização inicia com moléculas, células e programações genéticas, acrescentando-se outras moléculas nesse progresso, cuja estrutura e formação são controladas por informações codificadas no DNA do núcleo celular.

Nessa perspectiva em (Ernst, 2001) mostra que essas operações internas (neurônios em conexões e complexos celulares) são o que constitui um sistema puramente físico, interagindo com o mundo exterior. Estas operações internas por sua vez, controlam o comportamento humano e esse é o objeto de estudo das neurociências. Os registros fósseis comprovam que a anatomia comparada e a bioquímica das proteínas e dos ácidos nucleicos são evidências remanescentes de uma série de variações a partir de um tipo de organismo primitivo.

Em consequência disso, os argumentos em favor da teoria da identidade estão longe de ser decisiva, uma vez que, eles constroem uma argumentação profunda em defesa da ideia de que as causas do comportamento animal humano são de natureza essencialmente física, mas a teoria da identidade afirma mais que isso. Ela concorda que a neurociência revelará uma taxonomia dos estados neurais que corresponderá aos estudos atualmente prevalentes no senso comum. (Churchland, 2004, p. 52).

Não bastasse isso, o argumento da identidade segundo Churchland 2004, tem seu lado a favor como visto no parágrafo anterior, bem como, a sua oposição. Para isso, o filósofo utiliza o argumento da introspecção que mostra claramente um domínio de sensações, pensamentos e emoções, e não um domínio de impulsos eletroquímicos numa rede neural. O discurso que é mostrado na introspecção aparenta ser radicalmente diferentes das propriedades e estados neurofisiológicos apresentados pela teoria da identidade.

---

<sup>11</sup> Que razões o defensor da teoria da identidade tem para acreditar que a neurociência virá um dia a satisfazer as rigorosas condições necessárias para a redução de nossa psicologia “popular”? Existem pelo menos quatro razões, todas elas convergindo para a conclusão de que a correta explicação do comportamento humano e suas causas deve se encontrar nas neurociências físicas. (CHURCHLAND, 2004, p.55).

Além disso, o debate identitário, tal como apresentado por Churchland (2004), tem aspectos a seu favor, conforme discutido no parágrafo anterior, e grandes críticas que desafiam a sua validade no domínio. Dentre essas críticas, destaca-se o argumento da introspecção. Segundo Churchland, a introspecção revela experiências subjetivas, incluindo emoções, pensamentos e sentimentos, que na verdade parecem ser diferentes daquelas que seriam encontradas na sensação elétrica do sistema nervoso ao redor. Esta distinção é surpreendente: enquanto a teoria da personalidade procura relacionar os estados mentais com os estados neurofisiológicos, parece que aquilo que é obtido através da introspecção – uma percepção direta dos nossos estados mentais – tem características muito diferentes daquelas definidas pelas neurociências. O conteúdo subjetivo destas experiências, bem como a sua complexidade e complexidade, parecem resistir à redução à mera materialidade,

Um exemplo claro de distinção é: Ao distinguir o vermelho do azul, o frio do calor e o doce do azedo, nossos estados externos estão de fato diferenciando entre propriedades eletromagnéticas, estereoquímicas e micromecânicas dos objetos físicos. Nossos sentidos são limitados a essa perspectiva que revela por si própria a natureza detalhada dessas propriedades complexas. Para isso, seria necessária uma pesquisa teórica e experimental com aparelhos especialmente projetados. O mesmo, teoricamente, é válido para os nossos sentidos “internos”: a introspecção. Ela pode oferecer uma distinção clara da variedade gama em estados neurais, mesmo sem revelar por si a natureza em detalhes do que está sendo diferenciado.

O funcionalismo é uma teoria da filosofia da mente caracterizada por sua abordagem do problema mente-corpo, especialmente como uma alternativa à psicologia comportamental e à teoria da personalidade. A noção básica de funcionalidade é que os estados mentais não devem ser definidos pelas suas propriedades fisiológicas, mas pelo seu papel ou função no sistema em que estão inseridos. Em outras palavras, estados psicológicos como a dor não são caracterizados por sistemas neurais específicos, mas pelo seu papel no processamento de informações e nas interações entre estímulos, comportamentos e outros estados psicológicos.

A característica fundamental que articula todo tipo de estado mental é o agrupamento das relações causais que são mantidas como efeitos do ambiente sobre o corpo, em contato com outros estados mentais de outros indivíduos e o

comportamento corporal. Como exemplo disso, podemos imaginar a dor como resultado de traumas ligados ao corpo, que geram sofrimento no indivíduo, o que requer uma avaliação prática com a finalidade de alcançar seu alívio.

“Todo estado que desempenha exatamente esse papel funcional é uma dor, de acordo com o funcionalismo” (Churchland, 2004, p.68). É certa que essa teoria é bem semelhante ao behaviorismo que buscava definir cada tipo de estado mental na via de entrada de dados do meio ambiente e saída comportamental, no entanto, o funcionalismo nega essa possibilidade.

Para o funcionalista, o que importa não é simplesmente a constituição física dos estados, mas sim o papel que estes desempenham no sistema cognitivo. Nessa perspectiva, não apenas o behaviorismo fica de fora, mas também a teoria da identidade. O funcionalismo apresenta a descrição de um ser de outro planeta, com constituição fisiológica alienígena alicerçada no componente químico silício, como exemplo, em vez do carbono, como ocorre conosco.

Em conformidade com esse pensamento, a natureza de outra criatura seria igual a nossa em termos de estados mentais se o mesmo estivesse com as mesmas propriedades que a nossa, isto é, o carbono, experiência de dor, crença, desejo e emoção. Ele poderia sentir dor e ter um mesmo estado idêntico caso estivesse com as mesmas conexões neuronais que a nossa. Esse tipo de construção de uma criatura aos estados mentais de um humano apresenta um problema para a teoria da identidade, porque não há unicamente um tipo de estado físico que deva sempre corresponder à criatura.

Essa perspectiva traz o entendimento de que, existem tipos de estados mentais e tipos de estados físicos do cérebro. Uma criatura pode ter um tipo de estado mental quase idêntico ao de um ser humano. Os funcionalistas rejeitam essa concepção da teoria da identidade “tipo mental = tipo físico”, pois acreditam que um tipo de estado mental é numericamente idêntico a algum estado físico específico. O funcionalismo teve suas dificuldades da mesma forma que o behaviorismo em tentar definir um estado mental com propriedades relacionais e a negação da natureza interior ou qualitativa de nossos estados mentais.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> “Mas essa natureza qualitativa é a característica essencial de muitos tipos de estados mentais (dor, sensações de cor, de temperatura, de altura do som, e assim por diante), continua a objeção, e, dessa forma, o funcionalismo é falso”. (CHURCHLAND, 2004, p.71).

A principal falha do funcionalismo reside na dificuldade de lidar com experiências subjetivas, ou qualia, e um exemplo ilustrativo deste problema é a inversão da percepção. Imagine que duas pessoas estão olhando para a mesma banana: para uma ela é percebida como vermelha, enquanto para a outra, que não é daltônica, a cor é percebida como amarela. Embora ambos tenham estados mentais funcionalmente idênticos — como reconhecer a fruta como uma banana e associá-la a determinados objetos — as características subjetivas da experiência visual de cada pessoa são bastante diferentes. Este paradoxo levanta sérias questões para a epistemologia funcional, uma vez que, na sua teoria, os estados mentais são definidos apenas pelas funções funcionais que desempenham no sistema cognitivo.

A realidade dos qualia, contudo, implica que estes estados têm qualidades subjetivas que não podem ser reduzidas às suas funções causais. Neste aspecto, o funcionalismo parece ignorar a componente experiencial das emoções, tratando-as como irrelevantes ou inexistentes para a explicação do conceito. O problema é complicado porque os qualia são fundamentais para a nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. Se a teoria funcional afirma que dois estados mentais funcionalmente idênticos são necessariamente idênticos, como pode explicar a diferença entre perceber uma banana como vermelha e percebê-la como vermelha? Esta limitação é uma das razões pelas quais os críticos argumentam que, embora a teoria funcional tenha poder para explicar o comportamento e a cognição, ela não consegue captar a essência da experiência consciente.

Do mesmo modo, essa análise foi transferida para as sensações do ser humano ter as mesmas que as de outra criatura (alienígena), uma vez que, a criatura de outra espécie tenha pouca probabilidade de rever sua natureza física quanto a nós de avaliarmos também a nossa própria qualia. Ademais, os qualias sensoriais são desse modo, acompanhantes que não se dispensa de todo sistema e são compostos do tipo de organização funcional que estamos examinando.

A qualia em uma criatura não humana seria parecida no sentido de que a criatura teria suas próprias experiências subjetivas. Ainda assim, a natureza exata dos qualia de uma criatura teria influência no seu sistema nervoso e o processamento de informações sensoriais. Se utilizarmos um cão, a sensação de cheiro que ele tem é bem diferente da nossa, por causa da sua capacidade olfativa ser muito mais desenvolvida. Já no cérebro humano, os qualia são a consequência

de várias interações complexas entre diferentes áreas do cérebro que processam informações sensitivas.

Em suma, a experiência subjetiva de um qualia pode ser compreendida como a forma em que as informações da sensibilidade são incluídas e mudadas em uma experiência consciente. Chalmers (2011) aborda que as pesquisas nas áreas da neurociência tentam compreender como essas experiências subjetivas emergem de atividades cerebrais. Contudo, ainda há debates significativos sobre como as propriedades físicas e neuronais. Este é um dos desafios da filosofia da mente.

## 2.2 O materialismo eliminacionista

O materialismo eliminacionista na visão de Paul M.Churchland (2004) é apresentado como radical e provocativo em relação à natureza da mente. Essa teoria é uma forma de materialismo que sugere a exclusão das explicações psicológicas tradicionais em defesa de uma abordagem puramente neurocientífica. O fundamento do materialismo eliminacionista atua na ideia de que, os conceitos da psicologia popular como desejos, crenças, e experiências ainda não possuem uma explicação completa, exigindo investigações mais aprofundadas para serem adequadamente preenchidos.

As explicações psicológicas são visualizadas como incorretas as e devem substituí-las por visões mais centradas no materialismo da mente. Esse ponto de vista supõe que, ao invés de concordar com conceitos como “consciência” em termos psicológicos tradicionais, é necessário interpretá-los em termos de processos neurológicos.

Essa eliminação do materialismo é desde paralelos históricos como, por exemplo, na maior parte dos séculos XVIII e XIX, pessoas estudiosas acreditavam que o calor era retido nos corpos, do mesmo modo que a água fica numa esponja pela ligação hidrofóbica. Contudo, já no final do século XIX, com os avanços científicos e físicos foi constatado que o calor não era uma substância, mas simplesmente a energia produzida por trilhões de moléculas em choque, resultando em um corpo aquecido. (CHURCHLAND, 2004, p.80)

A deficiência de teorias antigas é bastante vasta, isso significa dizer que as novas teorias descobertas ajudaram a preencher as lacunas e eliminar outras que não fazia o mínimo sentido. Pode-se esperar que algumas teorias da psicologia

popular pudessem sofrer mudanças e reduções do mesmo modo em que a teoria antiga sobre o que era o calor. É fato que os avanços científicos são fundamentais para o progresso dos estudos que envolvem a consciência e as propriedades cerebrais, visto que, não havia equipamentos tão avançados em comparação com os atuais. Churchland traz uma citação pertinente em relação a isso:

Em resumo, as coisas mais fundamentais sobre nós permanecem inteiramente misteriosas no âmbito da psicologia popular. E as deficiências notadas não podem ser atribuídas ao tempo insuficiente para a sua correção, pois a psicologia popular não sofreu mudanças nem progressos sensíveis no decorrer de mais de dois mil anos, apesar de suas insuficiências manifestadas (Churchland, 2004, p.83).

É notório que o materialismo eliminacionista aponta para uma pobreza explicativa do campo da psicologia popular, que nada mais é do que a explicação da consciência como fenômenos difíceis de compreensão. A psicologia popular, também conhecida como "senso comum" ou "teoria popular da mente", refere-se aos conceitos, crenças e explicações imaginativas que as pessoas usam na vida cotidiana para compreender o comportamento humano e são previstas. Este sistema explicativo informal é baseado em termos psicológicos como crenças, desejos, intenções, sentimentos e pensamentos.

Por exemplo, quando alguém diz que outra pessoa "fez isso porque estava brava" ou "foi para a aula porque queria passar no teste", está fazendo suposições da psicologia popular no uso de. Essas teorias ajudam a explicar o comportamento humano como resultado de estados mentais internos, possibilitando a comunicação interpessoal e interpessoal. Em contrapartida, o materialismo defendido pela psicologia popular não passa de uma preocupação. Mas isso é necessário para eliminações de conceitos e abordagens que não fazem muito sentido e a abertura para abordagens mais precisas e significativas.

Os problemas do senso comum se relacionam também com os sentidos de nosso vocabulário interior, chamados de qualidades fenomenológicas em que a propriedade causal pode ser introduzida a uma pessoa. Pensar sobre termos em

nosso vocabulário psicológico como, por exemplo, “coceira” “dor” e, sensação de vermelho.

Mas, nessa concepção como saberíamos o significado desses termos se não tivéssemos verdadeiramente uma dor, coceira e sensação de vermelho? Em princípio, não seria possível. Churchland chamou essa concepção de “concepção-padrão” (Churchland, 2004, p. 93). Essa concepção padrão por mais que seja correta, ainda não é válida para todos os tipos de classes psicológicas.

Podemos pensar na variedade de sensações que um indivíduo tem no termo “dor”, que ao tê-la ele está sujeito às sensações subjacentes que lhes são apresentadas. Uma dor de cabeça, um golpe no joelho, uma dor de dente e assim por diante. Sem dúvidas alguma de que esses qualias são semelhantes, no sentido que, há reações causais na vítima, sendo está uma propriedade de causa e relação.

Por conseguinte, o mesmo é válido para sensações de vermelho à medida que se torna evidente a observação padrão de que existem vários objetos de cor vermelha os lábios de uma mulher, maçãs e os carros do corpo de bombeiros, isto é, elas são juntadas por características causais (relacionais) que têm em comum.

O mesmo serve para uma pessoa que nunca tenha sentido dor devido ao problema em seu sistema nervoso (deficiência cognitiva), ainda assim ela poderia saber o significado da palavra dor e dizer em conversas, até mesmo dar explicações para nós. Desse modo, mesmo que essa pessoa não saiba o que é sentir dor, o indivíduo consegue falar sobre propriedades causais (relacionais) do tipo de estado de dor.

Se somente quem sentisse a dor e percebesse a sensação de vermelho pudesse falar o significado desses termos, isso derivaria unicamente de um quale interior. Uma vez que, cada um de nós vivencia os próprios estados de consciência e acessamos o significado de dor e não a dor de outra pessoa. De alguma forma, seria uma teoria do significado bastante estranha que outra pessoa não poderia entender o que a outra tem a dizer.

Como o behaviorismo se articulou por atribuir o significado de qualquer termo mental, muitas relações que ele mantém com alguns termos, ou seja, as circunstâncias e comportamentos observáveis. As formulações mais simples se articulam como “solúveis” e “quebradiços” na semântica para os termos mentais. Nesse aspecto, também relacionava as definições operacionais em estruturas pelas quais poderia ser o significado dos termos mentais.

O problema central do behaviorismo era a insignificância que apontava serem os qualias de nossos estados mentais. Um dos pensadores a respeito dessa concepção do behaviorismo foi Ludwig Wittgenstein (1999), que abordou argumentos contra a concepção padrão, a qual colocou o argumento da linguagem privada. Wittgenstein introduziu a linguagem privada na ideia de que somente a pessoa em si teria acesso.

Nessa perspectiva, Wittgenstein (1999), tentou mostrar que a linguagem privada era absolutamente impossível, utilizando um exemplo: se você imaginar o significado a um termo “s” através de uma associação que você faça com certa sensação experimentada no momento, e no outro momento você poder dizer que existe outro “s”. Mas, como você poderia determinar esse outro “s” sem tampouco saber se o usou corretamente?

Nos termos pode haver semelhanças, mas não significam exatamente a mesma coisa, porque o primeiro termo, em princípio, é crucial apresentar a sensação ideal para o momento em que o segundo termo não consiga dar conta. Se o termo “s” não tiver alguma relação de causa e efeito com outros fenômenos como padrão para explicação da sensação, é completamente impossível afirmar que há um segundo termo “s” para explicação.

Pois, um dependeria do outro e não haveria o uso correto de “s” e o uso incorreto de “s”. “Ora, um termo cuja aplicação adequada está definitivamente além de qualquer determinação é um termo sem significado” (Churchland, 2004, p. 96). Foi por essa via que os behavioristas tentaram concluir nossas expressões comuns aos estados mentais nos termos de conexões e situações especialmente observáveis.

Apesar disso, não foi obtido êxito nessa ocasião, No entanto, ele apresenta uma consistência significativa ao indicar que a compreensão de “s” e suas conexões com a sensação de “s”, juntamente com a ocorrência de outros fenômenos, já são suficientes, sem a necessidade de recorrer apenas a fenômenos publicamente observáveis.

As explicações do senso comum se tornam o nosso arcabouço teórico no sentido de que estamos familiarizados com uma gama de termos mentais inclusos. Isso significa que a psicologia popular se apropriou do exemplo de uma mãe que ao ter seu filho, passa a cuidar dele, ele aprende a língua materna, imita o comportamento da mãe e vai crescendo e se adaptando ao ambiente.

A tentativa de explicar os qualias é, efetivamente, o significado de algum dos termos que envolvem uma única pessoa, pois, sabemos que a qualia das sensações que você tem são apropriados para o seu momento, e isso faz parte do significado dos termos de sensações privadas. De fato, essa questão permanece em aberto para assegurar que nós estejamos dizendo a mesma coisa por meio das sensações.

A linguagem aqui foi explorada para atender bem a explicação dos estados mentais e examinada ao ponto de correlacionar teorias relativas à origem de seu significado. Quando dirigimos a nossa atenção para alguns estados mentais, observamos que a conexão também permanece intrínseca com o pensamento, isto é, os medos, as crenças e os desejos. Cada um desses estados assegura um significado ou um conteúdo específico à proposição.<sup>13</sup>

Do mesmo modo, Churchland (2004), apresenta exemplos claros de atitudes proposicionais pelas quais podemos imaginar: o pensamento de que [a tecnologia é fantástica], a crença de que [a tecnologia ajudará o mundo avançar ainda mais], o medo de que [robôs podem destruir o mundo com essa nova era]. Pois bem, esses estados são denominados de atitudes proposicionais, pelo fato de expor uma atitude específica em relação à proposição.

Se os estados mentais atuam de modo idêntico aos estados físicos do cérebro (como é afirmado pelo funcionalismo e a teoria da identidade), efetivamente, tendo elas significado diferente, é natural que elas também tenham uma referência, no sentido de apontar para algo. Outra vertente relacionada a esse aspecto proposicional é o problema de outras mentes pela observação do comportamento de uma criatura, incluindo o seu comportamento verbal, que pode ser considerada como pensante e consciente. (Churchland, 2004, p.116). Percebendo gargalhadas e risos, infere-se alegria. Percebendo a ideia de manipulação complexa e apropriada da criatura no meio ambiente, inferem-se intenções, desejos e crenças. Na percepção de outras coisas como fala infere-se a inteligência na criatura.

Esse ponto de vista não é a solução do problema, visto que, serve apenas como uma base introdutória para os tipos de inferência citados. As conexões cerebrais que são formadas geram os comportamentos. Quiçá, se é que a criatura tenha algum tipo de estado mental, esse tipo de estado mental será acessado

---

<sup>13</sup> “No vocabulário técnico dos filósofos, diz-se que esses estados exibem intencionalidade, pelo fato de “visar a” ou “apontar para” algo além deles mesmos: eles “visam a” ou apontam para crianças, seres humanos e civilização (atenção: esse uso do termo “intencionalidade” nada tem a ver com o termo “intencional” no sentido de “feito deliberadamente”) (CHURCHLAND, 2004, p.107).

diretamente por ela mesma. Não haveria uma maneira definida para observarmos ou garantir um suporte empírico de um tipo necessário para análise dessa criatura.

Na visão de Churchland (2004), a conclusão de acreditar que outras mentes impõem inferências (atribuição de comportamento por meio da intuição) aos comportamentos e essas inferências continuarem impondo generalização, que por sua vez, podem ser concebidas como justificativa geral não se torna plausível. Mas, tudo o que podemos ter é a experiência individual de análise da criatura. Esse é o problema de outras mentes.

O argumento por analogia surge como base fundamental com três tentativas clássicas de solução do problema de outras mentes. Observando em primeiro lugar, as conexões psicológicas comportamentais em um caso individual, em que outros seres humanos são parecidos comigo. Se de fato essa generalização é verdadeira, então ela é uma conclusão razoável pela analogia de avaliar o meu próprio caso, que efetivamente, também são verdadeiras quando relacionados a outros seres humanos.

Por consequência, esse primeiro problema se associa bem na representação do nosso conhecimento relacionado a outras mentes como suporte genérico em apenas um caso. Certamente, esse tipo de resultado ainda é muito fraco, por ser semelhante a outros exemplos como: todos os ursos são brancos em apenas uma única analogia observável.

Em segundo lugar, o nosso conhecimento é bastante limitado pelo que podemos observar sobre outras mentes, quando observada em nosso próprio caso. Que não seria possível para uma pessoa daltônica ter crença justificada de que outra pessoa tem sensibilidades visuais que elas não têm, ou que pessoas surdas acreditem que outros surdos podem ouvir. Isso compromete o exemplo que não se justifica claramente em atribuir estados mentais a uma criatura alienígena, se a psicologia que a envolve for totalmente diferente da nossa.

Em terceiro lugar, as conexões psicológicas comportamentais em questão (a dor, o medo, a crença e a tristeza) são possíveis de diferenciar e reconhecer claramente esses gamas de conexões com estados mentais para reconhecer a causa do comportamento. É necessária uma análise profunda para realizar o julgamento de identificação, isto é, compreender o significado de cada termo apresentado. “A compreensão que uma pessoa tem dos conceitos da psicologia

popular, dessa forma, deve derivar de algo mais que o exame do fluxo de sua própria consciência sem o apoio de informações prévias”. (Churchland, 2004, p.119).

Uma forma melhor de compreendermos a explicação para o problema de outras mentes se concebe nas leis gerais para os indivíduos, isto é, a questão de que um indivíduo específico tem inteligência consciente é, sobretudo, um fator primordial de exposição. Essa explicação é concebível na medida em que o comportamento do indivíduo é repetido, o que torna uma explicação bem sucedida aos termos de crenças, percepções, desejos e emoções.

Inegavelmente, esse é um ponto de vista firme para melhor compreendermos o comportamento dos seres humanos de modo geral, o que nos leva a acreditar que estamos justificados a atribuir estados psicológicos a outras criaturas ou máquinas, desde que essas atribuições estejam relacionadas com as explicações e antecipações bem mais sucedidas de seu comportamento continuado.

Além disso, outro fator crucial que não pode ficar de fora para esse viés, está contido na autoconsciência de que para ser autoconsciente é em uma definição mínima, ter conhecimento de si próprio. Contudo, a autoconsciência envolve o conhecimento dos estados físicos, como também dos estados mentais. A realidade aqui é por uma perspectiva interior com a nossa percepção do mundo exterior.<sup>14</sup>

No nível de exposição da autoconsciência é fundamental notar que os estados mentais devem ser distinguidos um do outro, ou seja, devem ser reconhecidos naquilo que eles são. Eles são catalogados conceitualmente por aquilo que se apresentam e é por essa via que se acrescenta uma espécie de juízo cognitivo, posso crer que “estou com raiva” que “estou exultante” “eu acredito que S”.

Isso garante que existem diferentes graus de autoconsciência, uma vez que podemos discriminar esses estados mentais através de cada experiência que vamos adquirindo com o passar do tempo, e aprendendo muito mais sobre a complexidade da natureza humana. Desse modo, a auto percepção de uma criança pequena como sabemos é bem limitada quando comparada a auto percepção de um adulto que tem uma sensibilidade sensível maior.

Se uma criança disser que não gosta de alguém, essa fala para um adulto é nada mais que a mistura de ciúmes, desaprovação e medo por parte de alguém.

---

<sup>14</sup> “É evidente que a percepção, quer interna quer externa, é substancialmente uma habilidade aprendida”. (CHURCHLAND, 2004, p.126).

Vale destacar também que a autoconsciência pode variar de pessoa para pessoa, conforme a área de discernimento e entendimento dominada. Uma psicóloga consegue ter um entendimento sobre seus estados emocionais melhor que nós; um pesquisador da área da lógica pode ter uma consciência bem detalhada sobre suas crenças; um estudioso de filosofia especialista em ética consegue verificar quais intenções e desejos são melhores para a tomada de decisões em um determinado ambiente.

Um estudioso de filosofia na área do existencialismo pode nos explicar melhor sobre temas que envolvem liberdade e determinismo; um mecânico pode ter um reconhecimento mais aguçado da estrutura de problemas contidos em bicicletas e assim por assim. Nesses aspectos, a autoconsciência surge por meio de componentes que são apreendidos de forma ampla, tais como a existência das filosofias, as várias formas de enxergar a arte, mas isso garante a priori, a consciência reflexiva que uma pessoa tem de si própria, o que parece idêntica a sua própria consciência compreensível do mundo exterior.

Essa perspectiva garante em primeira mão que os mecanismos que estão ajustados nessas discriminações são nada mais que condições internas e não condições externas. Mas esses próprios mecanismos, ainda que inatos, quando usados garantem discriminações favoráveis para a produção de julgamentos. Dessa forma, as habilidades que adquirimos são parte das percepções externas, uma complementa a outra. Um mecânico pode reconhecer os problemas que estão dentro do motor de uma moto, o que para uma pessoa que não conhece nada de mecânica pode dizer que não sabe de onde vem o som.

Em Damásio (1996) vemos que a formação da nossa consciência acontece na infância, pelo fato de a neuroplasticidade ser maior e possibilitar uma melhor receptividade de informações que são armazenadas rapidamente nas massas brancas e cinzentas do cérebro. Não é apenas a percepção dos pés com os olhos, mas sim a compreensão de nossos estados mentais, a faculdade racional de nossa introspecção que mostra o quanto somos limitados e ignorantes. Nesse hiato, a autoconsciência é mais dirigida para o nosso interior e não para o exterior.

Ora, a nossa faculdade de juízo está interligada com o mundo exterior, por meio dos nossos cinco sentidos e pelo meio sistemática pela qual ela faz parte. Quem diria que as conexões ricas em trilhões de neurônios estariam em causalidade com outros tipos de atividades do cérebro?

O avanço da consciência em estudos atuais está associado ao progresso da ciência em desenvolvimento. Ainda não é possível saber todas as funcionalidades que existe na mente humana, bem como buscar elementos relacionados à nossa capacidade de realizar distinções em juízos válidos ou a produção de julgamentos baseados em nossa habilidade de discriminação. Da mesma forma em que podemos pensar nas grandes revoluções que o mundo já ultrapassou pela qual podemos usar a auto apreensão e aperfeiçoar nossas habilidades de juízos inatos e também a dominar os conceitos socialmente postos pela psicologia social.

O argumento da introspecção pare ser bastante plausível assim como a autoconsciência, mas a introspecção ganha pelo fato de ser fundamentalmente distinta de todas as outras formas de compreensão exterior. Por sua vez, a introspecção do mundo exterior é sempre advinda de alguma impressão, e o mundo exterior é de algum modo, problemático e indireto.<sup>15</sup>

Na visão da introspecção segundo Churchland (2004), o nosso conhecimento é direito e imediato. O sujeito visualiza o objeto e as impressões que vem a sua mente é a cópia das sensações. Não existe a ideia de uma sensação por outra sensação. Não podemos cair nessa enganação de uma falsa impressão ou sensação, pois, quando se considera os estados da própria mente, a diferença entre semelhança e o fato some totalmente.

Por fim, nos estados mentais temos a característica essencial pela qual a consciência é transparente por ela mesma, os estados da consciência agem involuntariamente. O que significa dizer que não há sentido em afirmar, por exemplo, “parece que eu sentir uma enxaqueca, mas não passava de uma enganação minha”. Nesse aspecto nossos julgamentos internos sobre os nossos próprios estados da consciência são infalíveis e de fato não estamos aptos a correções, pois, não é necessária uma imagem mental para resolver um problema lógico.

Trata-se de meios privados da consciência em que não podemos atribuir juízo de valor. Sabemos que a consciência é única em cada indivíduo e conhece a si mesma. Não há jamais a possibilidade dela conhecer o mundo exterior.<sup>16</sup> A

---

<sup>15</sup> “Essas observações sobre a autoconsciência podem parecer bastante plausíveis, mas uma longa tradição da filosofia da mente assume uma concepção muito diferente de nosso conhecimento introspectivo”. (CHURCHLAND, 2004, p. 127).

<sup>16</sup> “Essa posição extraordinária deve ser levada a sério- pelo menos temporariamente- por diversas razões”. Em primeiro lugar ela é parte essencial de uma antiga e influente teoria do conhecimento-em-geral: o empirismo ortodoxo. Em segundo lugar, a afirmação de que nossas sensações não são mediadas por outras “sensações” parece bastante plausível. E toda tentativa de negá-la levaria ou a uma regressão infinita de “sensações” e assim

consciência em primeira pessoa reflete exatamente sobre os aspectos subjetivos e o interior humano, ao observar sobre as próprias condutas, o indivíduo reconhece as escolhas que transformam o seu íntimo.

Na visão de Churchland (2004), não se pode confiar radicalmente nas teorias tradicionais sobre os estados mentais, uma vez que a consideração dessas teorias como a psicologia popular e a introspecção permanece em que não são totalmente plausíveis, necessitando corrigir as falhas. “De acordo com essa concepção geral, mente/cérebro é uma teorizada furiosamente ativa a partir do momento em que se põe a funcionar”. (CHURCHLAND, 2004, p. 135). A essa altura, para a compreensão dos estados mentais necessita-se fundamentalmente da reavaliação da neurociência. E é por meio dela que a consciência é explorada de maneira mais rigorosa, descartando as falhas e abrindo caminhos para uma intersecção mais profunda entre a matéria e a consciência.

---

por diante; ou a certo nível de “sensações” onde nosso conhecimento delas é por fim não mediado. Em terceiro lugar, quem propõe essa concepção tem uma forte questão retórica. Como poderia alguém enganar-se sobre o fato de ter ou não uma dor? “Como é ao menos possível estar errado sobre uma coisa como essa”? (CHURCHLAND, 2004, p. 128)

### CAPÍTULO 3

#### **AS CONTRIBUIÇÕES DE PAUL M. CHURCHLAND AOS DEBATES FILOSÓFICOS CONTEMPORÂNEOS.**

A defesa de Paul M. Churchland (2004), concentra-se na crítica de conceitos intuitivos e não científicos, como crenças, emoções e desejos, que são comumente usados para explicar a consciência. Segundo ele, essas categorias são insuficientes para sustentar uma explicação científica e estrutural da mente humana. O autor argumenta que tais teorias, baseadas na chamada “psicologia humana”, podem até ser úteis para a comunicação cotidiana, mas não correspondem diretamente aos processos reais do cérebro. Ele alega que essa visão está ultrapassada, já que as evidências científicas apontam que o mental e o físico são inseparáveis, considerando a consciência como uma extensão das atividades neurofisiológicas do cérebro. O conhecimento de Descartes em relação ao dualismo era bastante limitado por não ter equipamentos avançados para explicar o cérebro e a consciência.

Para Churchland (2004), os avanços na neurociência permitir-nos-ão reconfigurar radicalmente a nossa compreensão da consciência, e colocá-la em termos mais precisos, com base em condições neurobiológicas e fatores neurais que geram eletricidade substituindo estes conceitos tradicionais. Esta mudança representa uma mudança paradigmática, onde uma simples explicação daria lugar a um quadro teórico que alinharia a filosofia da mente com os desenvolvimentos científicos mais recentes. Ele também sugere que esta abordagem não só expandirá a nossa compreensão dos fenômenos psicológicos, mas poderá fornecer ferramentas para intervenções práticas mais eficazes, tais como o tratamento da depressão, avanços na inteligência artificial e melhorias na compreensão de questões éticas relacionadas com a cognição. Ao adotar a perspectiva da eliminação, o filósofo não só questiona a integridade das teorias tradicionais, mas também desafia e propõe limitações filosóficas atuais, pois não estão ativamente envolvidas na ciência empírica.

O funcionalismo, apesar de estar próximo ao materialismo, insinua que os estados mentais podem ser definidos por meio de suas relações causais e funcionais. No entanto, essa abordagem ainda mantém conceitos da psicologia

popular, uma vez que o funcionalismo não capta a complexidade dos processos neuronais que geram a consciência e os estados mentais. Em contrapartida, somente a neurofisiologia, junto à neurociência, consegue explicar melhor sobre os funcionamentos do corpo humano e o que de fato acontece na complexidade do cérebro humano.

A metodologia sob os termos científicos atuais, ajudam melhor na compreensão do cérebro humano. Em Charles (2000), vemos que na antiguidade, filósofos e médicos gregos, como Hipócrates e Galeno, tinham conhecimentos aprofundados sobre a mente humana. Hipócrates tinha conhecimento de que a deterioração acaba com a saúde do cérebro, e o médico romano, Galeno, já havia descoberto a existência e a distinção entre o sistema nervoso somato-sensorial (o conjunto de fibras que conduzem as informações táteis até o cérebro) e o sistema nervoso motor (O conjunto de fibras que passam até o cérebro e da medula espinhal que controlam os músculos do corpo).

O livro “De Humani Corporis Fabrica” (1543), de Andreas Vesalius, é uma das obras mais revolucionárias da história da anatomia. Publicado em plena Renascença, o livro ofereceu um estudo detalhado e sistemático do corpo humano, desafiando a fisiologia tradicional baseada nos escritos de Galeno que dominou o pensamento médico europeu durante séculos. Apesar dos avanços de Vesalius, a compreensão geral da anatomia humana no final do século XVII ainda era limitada. Muitas das estruturas e funções do corpo continuaram a ser mal compreendidas devido ao uso de instrumentos de precisão e técnicas científicas avançadas como o microscópio, que começou a ganhar relevância científica no século seguinte pelo único motivo.<sup>17</sup>

De fato, isso era apenas um entendimento limitado do funcionamento do cérebro, o avanço de sua microestrutura e micro atividade, até aguardar pelo desenvolvimento das técnicas modernas de microscopia, desenvolvimento das teorias químicas e da eletricidade, bem como, o desenvolvimento de instrumentos eletrônicos de registro e medição. Esses desenvolvimentos ocorreram no século 20.

A arquitetura neuronal revelada por esses avanços é surpreendente, os átomos que funcionam no cérebro aparentam serem células minúsculas

---

<sup>17</sup> “O avanço sistemático no conhecimento da estrutura e funcionamento do sistema nervoso teve de esperar até séculos mais recentes, uma vez que as autoridades religiosas reprovavam ou absolutamente a dissecação post-mortem do corpo humano”. (CHURCHLAND, 2004, p.157).

processadoras de impulsos, chamadas de neurônios, e há certa de  $10^{11}$ , número 1 seguido de 11 zeros, o que significa haver 100 bilhões de neurônios num único cérebro humano. “Para termos uma ideia desse número, imaginemos uma pequena casa de dois andares cheia com areia grossa, do porão ao telhado”. (CHURCHLAND, 2004, p.158). Um número impressionante do tanto de neurônios que existem no nosso cérebro quanto aos grãos de areia nessa casa.

Além disso, os neurônios têm em média cerca de 3 mil conexões com outros neurônios por meio de dendritos e axônios, de modo que o número de interconexões chega a 100 trilhões juntando todo o sistema.<sup>18</sup> Se levarmos em consideração, vemos algumas criaturas com sistemas nervosos simples como o caso de uma lesma-do-mar, que contém cerca de 10 mil neurônios, e essa é uma rede que os estudiosos fizeram o mapeamento por completo.

A perspectiva do materialismo metodológico envolve a abordagem de cima para baixo, partindo da nossa compreensão do que criaturas inteligentes fazem e, após, perguntam quais os tipos de operações implícitas poderiam explicar atividades cognitivas. A ideia básica desta atividade cognitiva é nada mais que entender as atividades do sistema nervoso, descobrir a estrutura e comportamentos simples, as interconexões e interatividade entre elementos que controlam o comportamento.

Outra perspectiva do materialismo metodológico parte da compreensão de que os sistemas que já existem no corpo humano, tais como sistemas de comportamento dos neurônios, sistemas de neurônios, em termos físicos, elétricos, químicos e de seu desenvolvimento, a função exercida de controle uns sobre os outros, nos garante o caminho essencial de compreendermos o que há para conhecermos a inteligência natural.

E de fato, a perspectiva de cima para baixo, segundo (Churchland, 2004), não é referente aos fenômenos mentalistas pelos quais já sabemos abordados na psicologia popular, como crenças, desejos e emoções, mas esta perspectiva fenomênica é adotada por esta psicologia e não pode ser destacada. Caso haja, a integridade de baixo para cima seria voltada para a explicação de um cérebro

---

<sup>18</sup> Essa complexidade frustra toda compreensão, e nós mal começamos a desvendá-la. Evidentemente, as considerações éticas impedem a livre experimentação em seres humanos vivos, mas a própria natureza é impiedosa o suficiente para realizar suas próprias experiências, e os neurologistas recebem um fluxo constante de cérebros sofrendo de traumatismos variados, vítimas de anomalias químicas, físicas ou degenerativas. Nesses casos, pode-se aprender muito com a cirurgia ou com os exames post-mortem. Também as criaturas com sistemas nervosos muito simples fornecem uma via alternativa para nosso conhecimento. (CHURCHLAND, 2004, p. 158).

empírico que nos conduziria estreitamente a uma explicação mais detalhada sobre estes conceitos no interior humano. Efetivamente, é esta metodologia que fortalece bastante a visão direta aos temas filosóficos apresentados pelos materialistas reducionistas e eliminacionistas.

### 3.1 A evolução da neurociência

De acordo com Stanley (2017), entre 3 a 4 bilhões de anos atrás, próximos à superfície dos oceanos terrestres, ocorreu o processo de evolução química em que o sol produziu algumas estruturas moleculares. Essas moléculas tinham a capacidade de se multiplicar. A começar por componentes de partículas moleculares encontrados no meio ambiente, essas moléculas complexas catalisavam uma série de reações que formavam cópias exatas de si mesmas. Nessa circunstância, o crescimento da população torna-se limitado pela disponibilidade de componentes e partícula propícia na sopa molecular.

“A célula é um exemplo vitorioso dessa solução. Ela tem uma membrana externa que protege suas intrincadas estruturas internas, além de rotas metabólicas complexas que processam matérias encontradas no exterior, transformando-os em estruturas internas” (CHURCHLAND, 2004, p. 200). Dentro desse sistema complexo, existe uma molécula de DNA cautelosa e codificada que leva a atividade celular- é uma molécula vencedora que atua como proteção contra vírus, protozoários e parasitas.<sup>19</sup>

Nós temos um sistema nervoso puramente físico no sentido de que é composto por estruturas anatômicas e fisiológicas, podendo ser estudado, observado e analisado fisicamente. As células formadas pelo sistema nervoso são especializadas, que por sua vez transmitem impulsos elétricos e químicos e por outras células de apoio, como as células gliais. Esses impulsos elétricos e químicos são essenciais para a comunicação entre diversas áreas do corpo, permitindo a coordenação de funções sensoriais, emocionais, cognitivas e autônomas.

O surgimento desse sistema nervoso não deve ser tido como algo milagroso. Para percebermos como é fácil um sistema descreve toda uma espécie, podemos

---

<sup>19</sup> Todas as suas competidoras foram varridas da cena, graças a seu êxito fenomenal, exceto os vírus residuais, que foram os únicos a perseverar na antiga estratégia, agora como invasores parasitas dos êxitos celulares. Com o surgimento da célula, temos o que se encaixa em nossa concepção-padrão de vida: um sistema que consome energia e é capaz de auto manter e se autorreplicar. (CHURCHLAND, 2004, p. 200).

levar em consideração uma criatura, como um caramujo que vive, no fundo, no oceano.<sup>20</sup> Essa espécie necessita sair de seu local para poder ser alimentada, e a criatura se recolhe para dentro de sua habitação apenas quando já saciada ou quando um predador ataca. A saber, muitas criaturas dessa espécie tornam-se presas dos predadores, mas ao perceberem os predadores, recolhem-se, porque no primeiro contato, a maioria é morta.

Similarmente, o sistema nervoso dessa espécie é comparado ao sistema nervoso de um ser humano, mas a diferença está na racionalidade, filosoficamente falando. O animal não tem a capacidade de falar, no entanto, se comunica por meio de sons e isso faz com que seu sistema seja acionado quando algo está em perigo ou que necessita sair para caçar algo em prol de sua alimentação. Já o ser humano tem o seu modo de pensar racionalmente, escrever sobre seus pensamentos, falar sobre eles e conseguir identificar quais as sensações, desejos e intenções por trás de seus sentidos.

Por último, a consciência do ser humano para a consciência do animal diverge no sentido de que, conseguem se comunicar de modo diferente, já que o humano é racional e consegue falar sobre a construção de sua casa, resolver problemas matemáticos, lógicos, linguísticos e escrever sobre seus sentimentos e emoções, já um animal irracional em uma análise comportamental, seriam analisados por respostas a estímulos e autopercepções, a sua capacidade de diferenciar objetos e ambientes. Ademais, nos estudos da neurociência das emoções animais de Jaak (2018), já está comprovado que alguns animais possuem consciência.

---

<sup>20</sup> Em muitos ambientes, essa característica incidental desse indivíduo específico não teria relevância nenhuma e não passaria de um mero “tique” idiossincrático, sem nenhuma utilidade. Mas, no ambiente em que vive o caramujo, as mudanças súbitas na iluminação são, na maioria dos casos, ocasionadas por predadores nadando diretamente acima. Assim, nosso indivíduo mutante possui um “sistema de alarme antecipado” que lhe permite recolher-se em segurança antes que o predador chegue a atacar. (CHURCHLAND, 2004, p. 203)

## CONCLUSÃO

Churchland adota uma abordagem materialista radical em sua obra *Matéria e Consciência* defendendo o conceito de que a mente não é algo distinto do cérebro, mas, ao contrário, é uma consequência dos processos neurológicos. A crítica de Churchland ao dualismo, que isola a mente do corpo como substâncias, considera um esforço de conformidade entre filosofia e ciência, uma vez que, a neurociência e as ciências cognitivas possam, efetivamente, oferecer repostas mais precisas às alternativas sobre a consciência e a experiência subjetiva. O autor alega que as teorias buscam explicar a mente por meio de uma concepção dualista, mas terminam falhando em tentar oferecer explicações convincentes sobre o início e a natureza da experiência consciente, e sugere um método que integra a consciência no campo da matéria.

O trabalho do autor é colocar em ênfase a crítica ao funcionalismo, behaviorismo e a psicologia popular que abordam conceitos aproximados sobre o comportamento. Em primeiro lugar, o dualismo cartesiano é resgatado por esses campos como uma alternativa para tentar solucionar o problema mente e corpo, mas ainda permanece limitado devido não fazer muito sentido, pensar que o cérebro humano seria totalmente igual ao cérebro de uma criatura. Descartes, em sua época, pensava que a mente era distinta do corpo, ao qual chamava a consciência de substância e o corpo de matéria.

Mas é notória a presença da interdisciplinaridade que Churchland reaproveita para explicar a consciência. O funcionalismo é utilizado como o meio mais próximo da neurociência física, ao descrever os desejos, crenças e emoções como consequências geradas da mente ao cérebro físico. O behaviorismo tentou buscar a solução para definir o cérebro através da análise de nossos comportamentos, pela qual ignorou os nossos estados interiores, sendo que estes são a base para a análise primordial. A psicologia popular aparece com o dualismo cartesiano e se apropria da linguagem cotidiana para tentar definir os estados mentais, mas falha ao deixar de lado as concepções neurocientíficas.

Quando o behaviorismo foi abandonado no século XX, às ciências cognitivas começaram a desenvolver estudos avançados sobre a mente humana, sobretudo, sobre a percepção, memória, atenção, linguagem e raciocínio, em que o

comportamento não se resume apenas em estímulo e resposta, mas está interligado com a linguagem humana envolvendo estruturas mentais.

O materialismo eliminacionista de Paul M. Churchland (2004), mostrou que a psicologia popular apresenta a consciência como fenômenos difíceis de compreensão, isto são os problemas do cotidiano que se relacionam com os sentidos de nosso vocabulário interior, o que é chamado de qualidades fenomenológicas em que a propriedade causal pode ser introduzida a uma pessoa. Mas não seria possível imaginar uma dor sem ao menos tê-la sentido por uma pancada. Se um indivíduo sente dor, e não consegue identificar qual tipo de dor está sentindo, há, nesse aspecto, variedades de sensações que a psicologia popular errou ao tentar definir uma única sensação como válida para um só caso, quando de fato existem variedades de sensações subjacentes apresentadas ao indivíduo.

Por fim, já estão comprovados pela neurociência que temos um cérebro puramente físico e que sua complexidade da consciência interage com ele através complexos celulares, sinapses, neurônios, bainha de mielina, memória de longo prazo e entre outros, são atividades que demarcam a consciência no sistema nervoso central. Cada indivíduo reage a estímulos de modo particular, apesar das mentes serem as mesmas e não é preciso de uma imagem mental para resolver problemas lógicos.

## REFERÊNCIAS

CHURCHLAND, Paul. **Matéria e Consciência**. Uma introdução contemporânea à filosofia da mente. Trad.: Maria Clara Cescato. São Paulo: editora uneSP, 2004

**CHURCHLAND, Paul M.** *Neurociência e Filosofia: Os Limites da Explicação Materialista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHALMERS, David J. **A mente consciente: em busca de uma teoria fundamental**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

DESCARTES, R. **Meditações**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

**DOIDGE, Norman.** *O cérebro que se transforma: novas formas de tratamento para transtornos neurológicos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

**DAMASIO, Antonio R.** *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Tradução de Dora Vicente e Luiz A. Oliveira da Rocha. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

**HECHT, Eugene.** *Óptica*. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

**KANDEL, Eric R.; SCHWARTZ, James H.; JESSELL, Thomas M.** *Princípios da neurociência*. 5. ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2014.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

**MATHEWS, David M.; JACOBSON, Luis E.; VAN HORN, Jeffrey D.** *Psicofarmacologia: conceitos básicos e clínicos*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

**MAYR, Ernst.** *A Origem das Espécies*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2001.

MILLER, Stanley L.; URRY, Linda A.; WILLIAMS, Mark L.; et al. **Bioquímica**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

OCKHAM, Guilherme de. (1974) **Ordinatio**. Tradução de Patrick Hochard (Guilherme de Ockham: **O Signo e sua Duplicidade**) in CHÂTELET, François. História da Filosofia. Rio. Zahar. 2o. Vol.

PANKSEPP, Jaak; BIRD, Carla. **A arca perdida da mente: a neurociência das emoções animais**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

SINGER, Charles. **História da Biologia e da Medicina Antigas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VESALIUS, Andreas. **De humani corporis fabrica libri septem**. Basel: Oporinus, 1543.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).